



«Fé viva para dar Vida»

A fé nos caminhos da felicidade

Temas de estudo e reflexão no contexto do «Ano da Fé»

1. O ano pastoral 2012-2013, na Diocese de Coimbra, centrar-se-á no tema da Fé, assumindo assim a proposta do Papa Bento XVI ao instituir o «Ano da Fé» para toda a Igreja e o desafio e desejo do nosso Bispo ao querer implementar uma «Pastoral da Fé» que reanime a vida cristã de toda a comunidade diocesana. Recorde-se que o projeto programático do SDEC, em curso, insere-se perfeitamente nesta proposta, na medida que nos propúnhamos, depois do ano anterior termos refletido sobre a Caridade, com a temática «A Caridade: fonte, tarefa e meta da Catequese», abordar, este ano o tema da Fé. Desta forma, a temática que nos vai ocupar ao longo de todo o ano pastoral será **«Fé viva para dar Vida»**. A este propósito são significativas as palavras do Papa: **“também hoje é necessário um empenho eclesial mais convicto a favor duma nova evangelização, para descobrir de novo a alegria de crer e reencontrar o entusiasmo de comunicar a fé. (...) Com efeito, a fé cresce quando é vivida como experiência de um amor recebido e é comunicada como experiência de graça e de alegria. A fé torna-nos fecundos, porque alarga o coração com a esperança e permite oferecer um testemunho que é capaz de gerar: de facto, abre o coração e a mente dos ouvintes para acolherem o convite do Senhor a aderir à sua Palavra a fim de se tornarem seus discípulos.”** (PF 7).

2. Além das várias e interessantes propostas que o *Secretariado Diocesano de Coordenação Pastoral* vai disponibilizar para todos os sectores da vida da Igreja em Coimbra, o SDEC propõe um conjunto de três temas, para estudo pessoal, intitulados: **«A fé nos caminhos da felicidade»**. Estes três temas **pretendem ser uma ajuda a que todos percebam que a fé é algo existencialmente significativo e realizador em cada pessoa humana e daqueles que a rodeiam, formando comunidade, pois é e sempre será encontro transformador com Jesus Cristo**. Ao mesmo tempo, pretendem dar uma maior consciência de que o Evangelho e o cristianismo não podem ser reduzidos a uma doutrina, nem a simples princípios morais, como muitas vezes acontece, mas são **relação integral de escuta e comunhão da pessoa humana com a Pessoa de Jesus Cristo, que Se revela, em especial na Sua Igreja**. Esta relação é geradora da verdadeira e plena felicidade de cada homem e cada mulher.

O primeiro tema pretende ser uma reflexão sobre a situação da procura de felicidade – tantas vezes cheia de ilusões – por parte da pessoa humana e a validade que a fé pode trazer a este processo. No segundo tema, no mês de Janeiro, iremos aprofundar como as «bem-aventuranças são caminho de fé e felicidade». No mês de Abril, o terceiro tema abordará a «Ressurreição: acontecimento e experiência da verdadeira e plena felicidade».

No final deste ciclo, queremos que todos percebam que a fé é «válida» e «útil» para a pessoa do nosso tempo quando necessariamente for compreendida como proposta e caminho de felicidade. No fundo, trata-se de ir respondendo à **“necessidade de redescobrir o caminho**

da fé para fazer brilhar, com evidência sempre maior, a alegria e o renovado entusiasmo do encontro com Cristo.” (PF 2), sabendo que os catequistas são discípulos de Jesus que ***“estão mergulhados no mundo como fermento; mas, como em todos os tempos não estão imunes de sofrer a influência das situações humanas. Por isso, é necessário interrogarmo-nos sobre a atual situação da fé dos cristãos.”*** (DGC 24). Com efeito, hoje, já são muitos os cristãos que chocam com a questão fatal que o «mundo» lhes faz: **«para quê ter fé e em que é que ela contribui para a felicidade de uma pessoa?»**.

3. O Catequista, sendo presença viva e comprometida no mundo e na comunidade, é chamado por Deus, a realizar a missão de «transmitir a fé» àqueles que ainda a têm num estado germinal ou não a aprofundaram. Com efeito, o Catequista tem por missão testemunhar e anunciar Jesus Cristo, a Sua Pessoa, a Sua Palavra e o Seu Mistério (cf. DGC 231) de forma que o catequizando faça a opção fundamental da sua vida por Ele (cf. DGC 80), em busca da felicidade. Que todos fiquem certos que «Ano da Fé» e «Nova evangelização» não são uma questão de inventar um novo programa para a missão pastoral da Igreja universal ou diocesana. O programa já existe! *“É o de sempre, recolhido no Evangelho e na Tradição viva. Concentra-se, em última análise, no próprio Cristo, que temos de conhecer, amar, imitar, para n’Ele viver a vida trinitária e com Ele transformar a história até à sua plenitude na Jerusalém celeste”* (NMI 29). Que este tempo de férias seja favorável para esta reflexão e aprofundamento.

4. Para este trabalho usar-se-á como base os escritos de alguns autores, entre os quais se destaca José António Pagola (*Crear, para qué? Conversaciones con alejados*), Carlos Diaz (*Soy amado, luego existo. Yo y Tú*), José Román-Flecha (*Bienaventuranzas, caminos de felicidad*) e o texto da Conferência Episcopal Italiana (*Carta aos que procuram Deus*). Optando por uma linguagem coloquial e uma apresentação de conteúdos linear, gostaríamos que este documento provocasse a reflexão dos catequistas que o receberem. Por isso, pedimos a cada catequista que, após refletir esta problemática, nos enviasse os seus ecos para os nossos serviços via email (secretaria@sdec-coimbra.com), ou por correio (SDEC / Casa Episcopal- Rua do Brasil / Apartado 3069 / 3001-401 COIMBRA).

P. Rodolfo Leite

Tema 1: Ilusões da felicidade

Introdução

As questões da nossa vida e as provocações do nosso viver desafiam-nos e ajudam-nos a pensar sobre a nossa fé, fazendo-nos descobrir, por sua vez, na raiz da experiência cristã que fazemos, a figura de Jesus, que nos ofereceu o rosto de um Deus que ama a vida e a felicidade do homem (cf. NMI 23-28). Por outro lado, a crise na relação entre vida e felicidade não diz respeito apenas a nós, cristãos. Quem quer que ame a vida e procure a felicidade duradoura para si e para os outros, não conseguirá certamente em contentar-se com propostas que ligam unicamente a felicidade à posse, à conquista, ao poder, ao prazer, ao egoísmo pessoal ou de grupo. Como crentes temos uma convicção irrenunciável, que nos vem da nossa experiência de fé. Apoiados nela, procuramos confrontar-nos com todos aqueles que preferem a vida à morte. A vida é bela, não obstante de todas as provas e desventuras, porque existimos e experimentamos o Amor.

Mas, muitas vezes, os cristãos, como já dizia Nietzsche no século XIX, não têm cara de redimidos, vivem como «pessoas não libertadas, mas acorrentadas ao seu Deus». É tão verdadeira esta suspeita que hoje são muitos os que pensam, por vezes sem dizê-lo em voz alta, que a religião é algo fastidioso, um estorvo para viver uma vida intensa e feliz. Como alguém dizia em certa ocasião: «**não seríamos mais felizes se estivéssemos certos de que Deus não existe?**». Mas não é só isso. Entre muitos crentes «convencidos» e praticantes consta até que «ser cristão» não é uma «procura» da felicidade, mas sim uma exigência e uma abnegação de vida perante o sofrimento e a morte. Claro que é-nos difícil aceitar mesmo com fé a «escola do sofrimento» como meio para descobrir a felicidade e a vida. Apesar de tantas reflexões, mais ou menos místicas, e orações, a verdade é que a debilidade, a dor, a morte permanecem sempre um mistério.

A cultura moderna, não sabendo dar uma resposta a este desafio, procura escondê-lo com a embriaguez do consumismo, do prazer, do divertimento, do não pensar nas coisas.

Enfim, são muitos os fatores socioculturais que estão na raiz da crise religiosa contemporânea, mas no fundo de tudo, está a produzir-se um facto preocupante: o homem de hoje parece não estar a acertar com o caminho para ser feliz, e o cristianismo, por sua parte, não está a conseguir apresentar Deus como um amigo da felicidade humana e fonte de vida. Deus não é captado como Boa Nova, pelos homens e mulheres dos nossos dias. Logo, para muitos, Deus não interessa nesta procura insaciável de felicidade. Também não podemos esquecer que este sonho de felicidade é entendido de modo muito diverso e se manifesta com muitos nomes. Contudo, como cristãos devemos decifrar todos estes nomes e, com ousadia humilde e servicial, apresentar a mais-valia do Evangelho e o caminho das bem-aventuranças que propõe, como discípulo que quer ser feliz.

1. Que nos faz falta para sermos felizes?

Todos procuramos ser felizes, mas o que é surpreendente é não sabermos dar uma resposta clara quando alguém nos pergunta em que consiste a «felicidade». Basta contactar com alguns estudos sobre a felicidade para encontrarmos toda a classe de teorias e análises. Há, sem dúvida, um dado bastante comum. Ainda que a «felicidade» pareça sempre algo muito subjetivo, quase sempre a procuramos no «que nos faz falta», aquilo que ainda não possuímos. Um doente seria feliz recuperando a saúde que perdeu; para uma pessoa em solidão e abandonada, a felicidade consistiria em encontrar esse amigo ou amiga que não tem...

Mas há uma coisa que não podemos esquecer: não nos conformamos com qualquer coisa. Aliás, não há nada que seja suficiente para ficarmos plenamente satisfeitos. Somos seres difíceis de saciar. Quando conseguimos satisfazer o nosso desejo, produz-se em nós um gozo e um contentamento; mas de imediato começa a gerar-se uma insatisfação e a despertar em nós o desejo de algo que ainda nos falta; conseguimos o que desejávamos, mas de novo nos encontramos no ponto de partida, à procura da felicidade. A pergunta que temos de fazer é simples:

Se a felicidade parece estar sempre no que nos falta; que é que realmente nos falta? Que é que necessitamos de encontrar para sermos felizes?

Não parece que esta insatisfação permanente do ser humano se deva a um vazio concreto. É algo mais profundo. É a própria vida que parece estar a pedir algo maior, mais pleno e mais gratificante.

Mas, o quê?

Por outro lado, por vezes corremos o risco de contentar-nos com qualquer coisa. Alguns parecem pensar desta maneira: a felicidade é algo impossível, pois bem, vamos chamar «felicidade» a algo que possamos alcançar e que nos produza satisfação e bem-estar, já sabemos que não é «a felicidade», mas serve para ir vivendo. São muitas as pessoas que vivem assim. Não conhecem uma felicidade mais profunda, contentam-se com a satisfação que produz o dinheiro, o êxito, o sexo ou o prestígio.

Estas considerações ajudam-nos a situar melhor o contributo próprio da fé à felicidade do ser humano. A primeira coisa que as bem-aventuranças anunciam é que se pode conhecer a felicidade. Poder-se-á discutir interminavelmente sobre a sua natureza e sobre a possibilidade e os caminhos para alcançá-la, mas o certo é que **eu posso ser mais feliz**. Posso perguntar: «**o que é que me faz falta para ser mais feliz?**». Pois bem, no Evangelho é-nos feito o convite a procurar de maneira correta «**o que nos faz falta**» para sermos mais felizes. E o que nos faz falta não é concretamente o dinheiro, o bem-estar, o êxito ou o poder. Tudo isso é bom, mas pode gerar experiências parciais e insuficientes de felicidade. Podem, inclusivamente, fechar-nos o caminho até à verdadeira felicidade.

As bem-aventuranças revelam-nos algo mais. A felicidade não é algo «fabricado» pelo indivíduo, mas sim um dom de Deus. As pessoas procuram certamente o «impossível» quando andam atrás da felicidade. O ser humano não pode alcançá-lo somente com o seu esforço; não pode dar-se a si mesmo tudo o que anda à procura. Mas há uma felicidade que, em último termo, tem a sua origem em Deus e nós podemos acolhê-la, experimentá-la e desfrutá-la. O que a fé cristã oferece é a possibilidade de uma **felicidade mais real e consistente** baseada na experiência de um Deus vivo, revelado em Jesus Cristo, que oferece ao ser humano **sentido**

para enfrentar a sua existência, **luz e força** para viver de maneira sadia a vida de cada dia e uma **esperança última** de plenitude eterna.

2. De que depende a nossa felicidade?

Para muita gente, a felicidade depende da sorte ou do destino, isto é de fatores que não estão nas nossas mãos. E, em parte, é verdade que há realidades que condicionam num grau ou noutro o carácter mais ou menos gozoso ou doloroso da nossa existência. Pensemos na estrutura psicológica que recebemos ao nascer como ponto de partida, as pessoas que encontramos no nosso caminho para o bem ou para o mal, o amor ou o desprezo que vamos recebendo... Tudo isso nos condiciona e limita. Mas o certo é que, desde essa realidade condicionada e limitada, cada um de nós escuta um chamamento à felicidade.

O problema está em que, muitas vezes, e de forma quase inconsciente, procuramos a felicidade só fora de nós, no exterior do nosso viver. Queremos que mude o ambiente que nos rodeia, que melhorem as circunstâncias em que nos movemos, que as pessoas nos tratem bem, que ninguém nos crie problemas, que nos aconteçam coisas boas. No fundo, estamos sempre a procurar que a nossa vida se vá adaptando ao que nós desejamos. Parece então que seríamos felizes se o conseguíssemos. Queremos conhecer a felicidade mas contando com o amor e a amizade de determinadas pessoas, assegurando a concretização de tal sonho, conseguindo determinado nível de vida. Sem isso, parece-nos irreal falar de felicidade.

Com efeito, há uma pergunta que não podemos nem devemos deixar de fazer:

Para conhecer a felicidade, tem que suceder algo fora de mim, ou justamente dentro de mim? Têm que mudar os outros, ou sou eu que tenho de mudar? É o mundo que me rodeia que tem de melhorar, ou sou eu que tenho de me transformar?

Da resposta a estas perguntas dependerá, em boa parte, a minha forma de entender e de procurar a felicidade.

O Evangelho não faz depender a felicidade do ser humano de nenhum sucesso venturoso nem de acontecimentos agradáveis que nos possam suceder. A felicidade de que falam as bem-aventuranças brota da experiência que essas pessoas fazem de Deus e do estilo de vida que adoptam. Por isso, no Evangelho o que escutamos é um chamamento à mudança, a procurar a felicidade por um caminho diferente, acolhendo o Deus vivo e verdadeiro, revelado em Jesus Cristo.

Sem querermos ser exaustivos ao apresentar o que é a fé cristã, apontaremos uma simples reflexão que nos pode ajudar a aproximar de outra maneira do Evangelho. Todos constatamos que não se pode ser feliz de qualquer maneira, por exemplo, sendo infiel às próprias convicções, atuando contra a própria consciência, alimentando o vazio interior, procurando o mal dos outros. Dito de forma breve e resumida poderíamos dizer que, para dar um tom mais feliz à nossa vida parece necessário em primeiro lugar, descobrir uma meta e um objetivo que dê sentido e orientação ao nosso viver no dia-a-dia; para depois, atuar com coerência e responsabilidade pessoal, procurando a melhor maneira e mais acertada de viver; por último, poder apoiar-nos numa esperança última que dê força e luz para enfrentarmos o lado negativo e obscuro da existência. E é aqui onde a fé no Deus de Jesus Cristo pode oferecer algo decisivo.

Naturalmente, tudo isto pode ser discutido. Cada pessoa procura o seu próprio caminho para ser feliz, com ou sem fé. O problema reside em que nem todos os caminhos são acertados. Por isso, mais que discutir sobre o Evangelho como forma de viver ou sobre o programa de vida apresentado pelas bem-aventuranças, podemos perguntar-nos concretamente:

Que sucederia se eu vivesse animado por uma confiança grande em Deus, se não estivesse tão agarrado às coisas, se começasse a gostar das pessoas com carinho e generosidade, se se despertasse em mim uma fome grande de justiça para com todos, se vivesse com um coração limpo e sincero perante mim mesmo e perante Deus, se vivesse enraizado em Deus Pai, como único Absoluto..., seria menos feliz ou mais feliz?

Há outra pergunta que podemos fazer:

Quem me pode ensinar a viver de maneira sã? Os filósofos, os psiquiatras, os políticos? Onde posso aprender a viver? Nos livros? Na televisão? Na rua?

Quem me pode revelar o segredo da vida ou a meta que há-de orientar os meus passos?

Quem me pode ensinar como tenho de atuar e que tenho de fazer para viver acertadamente?

Quem me dará a conhecer onde posso fundamentar a minha existência? Que posso esperar da vida? Em que me posso apoiar perante o mal, a velhice, a morte?

A experiência do cristão consiste em ir descobrindo a verdade que está nas palavras de Jesus Cristo: *“Eu sou o caminho, a verdade e a vida”* (Jo. 14, 6). Sem Cristo, a vida seria mais obscura e enigmática, mais vazia de esperança. No fundo, a vida tornar-se-ia quase insuportável! A fé manifesta-se definitivamente quando uma pessoa assume que n’Ele pode encontrar precisamente «o que mais falta lhe faz» para ser feliz com uma felicidade mais real e verdadeira.

3. A felicidade é mais de que o bem-estar

Um dos equívocos mais graves na procura da felicidade é **confundi-la com o bem-estar**, pois o bem-estar nem é felicidade nem produz automaticamente felicidade.

Expressando-nos com rigor, bem-estar é a sensação agradável que se produz numa pessoa quando consegue satisfazer os seus desejos. Por isso, quando alguém confunde felicidade com o bem-estar, o que na realidade está a procurar é essa excitação emocional, essa sensação agradável que pode experimentar nas coisas, nas pessoas ou nos acontecimentos que respondem aos seus desejos. Mas então, cometemos um grave equívoco. Damos por certo que, para obter a felicidade, temos de possuir coisas, ter dinheiro, alcançar êxitos, sexo..., todo aquilo que responda satisfatoriamente às nossas apetências. Sem dúvida, a experiência diz-nos frequentemente que, na verdade, por esse caminho encontramos, na melhor das hipóteses, justamente o que tínhamos procurado: coisas, dinheiro, êxito, sexo..., mas não necessariamente felicidade. Todas essas coisas e experiências podem produzir uma satisfação agradável, uma sensação boa.

Mas, poderemos chamar a isto tudo felicidade? Podem trazer-nos bem-estar, comodidade, gozo, prazer, mas, é nisso que consiste a felicidade?

Reflitamos um pouco mais. Quando eu ponho a minha felicidade no bem-estar que produzem as coisas, estou a dar a essas coisas um poder sobre mim; de alguma maneira, estou a entregar às coisas a «chave» da minha felicidade; faço depender a minha felicidade não de mim, mas de algo exterior a mim próprio. Na realidade, a fonte da minha felicidade já não está em mim, mas coloco-a fora de mim, ponha-a nessas coisas das quais dependo.

Mas, é sensato fazer depender algo tão importante como a felicidade de algo que não está em mim?

Além do mais, a felicidade torna-se cada vez mais complicada por este caminho. A pessoa não se dá conta de que quantas mais sejam as coisas que necessita para ser feliz, tanto mais ameaçada fica a sua felicidade, pois, cada vez terá mais probabilidades de que algo falhe e fruste a sua expectativa. Esse tipo de bem-estar gerado pelas coisas é sempre instável. Quando uma pessoa tem o que desejava, a veremos alegre e eufórica; quando lhe faltam a encontraremos triste e deprimida. Assim, acontece com muitos: entre o contentamento e a tristeza, entre a euforia e o fracasso. Repetida muitas vezes, esta experiência pode levar mesmo à decepção e ao desencanto. A verdadeira felicidade parece então cada vez mais longe e impossível.

A felicidade que se promete nas bem-aventuranças não provém do bem-estar produzido pelas coisas. O que se promete é uma plenitude de vida, de verdade, de paz e de harmonia interior que emerge na pessoa que vive radicada na confiança em Deus, aberta ao amor, à verdade e à justiça queridas por Ele. Esta felicidade está enraizada no coração da pessoa. Brota da sua fé em Deus vivida com fidelidade. Pode estar acompanhada de outras experiências mais ou menos agradáveis, ou mais ou menos dolorosas; os problemas e dissabores da vida não desaparecem, mas uma força de felicidade brota do interior da pessoa e da sua fé no Deus vivo.

No Evangelho encontramos uma indicação surpreendente e sábia: a verdadeira felicidade é encontrada por aqueles que não se deixam aprisionar pelas coisas. Certamente as coisas são importantes para viver gozosamente. São uma oferta do amor criador de Deus. Necessitamos de comer e de beber, habitar numa casa, ter meios para desenvolver o nosso trabalho e desfrutar do descanso. O próprio Criador chama-nos a construir um mundo mais grato e fraterno no qual possamos desfrutar e partilhar os bens do mundo. Mas, as coisas, ainda que por vezes nos custe acreditar, não são a fonte de felicidade que o nosso coração anseia. Pelo contrário, uma pessoa caminha verdadeiramente para a felicidade quando vai aprendendo a não ter apego às coisas. O importante é possuir sem ser possuído, ser dono das coisas e não escravo, não render o nosso ser a nada.

Aliás, esta é uma mensagem que faz eco das palavras do Evangelho: *“Procurai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça, e tudo o resto se vos será dado por acréscimo”* (Mt. 6, 33). No fundo, felizes os que têm a «alma de pobre» porque deles é o Reino dos céus (cf. Mt. 5, 3).

4. A felicidade é mais de que o prazer

Outro **equívoco habitual é confundir a felicidade com o prazer**. O prazer não é algo mau em si mesmo. Pelo contrário, é um estímulo e um aliciante necessário para o

desenvolvimento da vida. Mas o prazer e a felicidade são realidades diferentes, a felicidade que se promete nas bem-aventuranças é uma experiência distinta do mero prazer.

O prazer é sempre uma experiência momentânea. Produz-se como o culminar de um processo concreto, ou como resultado de uma determinada satisfação. Na verdade, o prazer de um pôr-do-sol termina, a audição de um concerto musical finaliza, o sabor agradável de um alimento desaparece, uma excitação física apaga-se. **A felicidade que as bem-aventuranças anunciam, não é uma experiência momentânea gerada por um processo dessas características. A felicidade que elas insinuam é um estado, uma condição de vida. Saber-se filho de Deus, viver enraizado nessa fé, gozar da Sua misericórdia, experimentar a Sua paz.**

O prazer, por outro lado, produz-se numa parcela da pessoa. É parcial. Afeta diretamente a um aspeto ou dimensão da vida. O prazer radica no gosto, no tato, na captação do belo... No Evangelho, fala-se de uma felicidade que se enraíza na própria pessoa, no fundo do seu ser. Por muito intenso que chegue a ser, o prazer não toca a raiz da pessoa, que é precisamente o lugar onde acontece a verdadeira felicidade. O prazer fica-se nos estratos mais externos do sujeito.

Além do mais, o prazer é invasor. Capta a pessoa, polariza-a num só ponto ou aspeto, esquecendo ou obscurecendo as restantes dimensões do ser humano. A experiência agradável, com a sua «força», tende a absorver a pessoa toda. A felicidade é outra coisa. **A plenitude da felicidade envolve a pessoa e opera nela uma transformação, mas o seu poder não é invasor, mas sim libertador e potenciador.** Não aprisiona, mas liberta e enaltece. Não obscurece nem prejudica outras dimensões, mas como que as transfigura. É uma experiência que nasce do mais fundo do ser e se difunde por toda a pessoa, iluminando e vivificando todas as suas atividades. Segundo o Evangelho, esta é a «sorte» que acontece àqueles que vivem habitados pelo Amor e estão vinculados numa adesão confiante e integral a Deus.

O carácter invasor do prazer pode levar a pensar que todo o prazer é mau. De facto, muitas vezes foi assim compreendido, com receio e alguma suspeição ou imoralidade. **Claro que o prazer não é felicidade, mas isto não significa que seja automaticamente seu inimigo.** O prazer tem o seu próprio valor positivo e humano. Aliás, é indispensável uma certa dose de prazer para o desenvolvimento da existência humana. A própria felicidade produz, no geral, uma sensação agradável, embora possa existir felicidade mesmo quando não se tem prazer algum.

O prazer só é negativo quando começa a prejudicar a pessoa e a destruir a sua felicidade. Há, sem dúvida, «**prazeres enganosos**»; os que alimentam de maneira falsa o «eu» da pessoa. Prazeres que fecham a pessoa em si própria e aumentam o seu egocentrismo, isolam-na da vida e afastam-na da verdadeira felicidade, deixando um «mal sabor» na sua existência. Pensemos no prazer de destruir o adversário, dominar a uma pessoa ou utilizar sexualmente a outro para a sua própria satisfação. Este tipo de prazeres enche a pessoa de si mesma, esvaziando-a de amor e de paz interior.

Há, pelo contrário, «**prazeres verdadeiros**». Não aumentam o próprio «eu». Não fecham a pessoa em si mesma, mas abrem-na para a vida. Convidam-nas à gratidão e ao louvor. São prazeres que, em geral, não se devem diretamente ao nosso esforço, poder ou valia; menos ainda a injustiças, enganos ou manipulações. Pensemos nos inumeráveis prazeres que se nos oferecem gratuitamente ao longo do dia: um sono reconciliador, um amanhecer sereno, uma amizade gozosa e enriquecedora, a beleza de uma música, a leitura de

um bom livro, uma tertúlia amena, o trabalho feito com perfeição, o descanso e recolhimento ao entardecer. Nem todos sabem desfrutá-los. Talvez por isso, procuram outros prazeres que saciem o seu «eu» inquieto. Não sabem gozar a vida agradecida, com «alma de pobre» que se deixa querer e oferecer, necessitam de monopolizar pessoas, possuir coisas, apropriar-se, dominar, sobressair.

Têm prazeres, mas conheceram a felicidade?

O segredo está, talvez, em viver mais atentos a tudo o que se nos oferece, aprender a desfrutar tudo que é vida dentro e fora de nós, por mais pequeno e humilde que nos possa parecer. Aprender a olhar, gostar, tocar, escutar de maneira nova. Saborear com profundidade os encontros com as pessoas, os olhares, os rostos, a beleza, as cores e as formas. Desfrutar do silêncio e da conversação com Deus. Desfrutar agradecidos do lado positivo das pessoas e dos acontecimentos.

Renunciando aos «prazeres enganosos» e desfrutando dos «prazeres verdadeiros», uma pessoa pode caminhar pela vida de forma sã, abrindo-se cada vez mais à Vida e Àquele que é a fonte e a origem de todo o bem. A vida está cheia de sofrimentos, problemas e penalizações, mas também de possibilidades agradáveis, abertas à verdadeira felicidade. Nesse caminhar, Deus é o nosso melhor Amigo.

5. A prova de toda a felicidade

A felicidade que nós conhecemos nunca é plena, segura nem definitiva. As coisas não nos enchem; as pessoas dececionam-nos; a nossa pequena felicidade vê-se ameaçada por inumeráveis perigos. Tarde ou cedo, todos nos encontramos com o mal e o sofrimento. Mas não é só isso. A felicidade pede eternidade. Queremos ser felizes para sempre. Por isso, **o inimigo mais inquietante da nossa felicidade é a morte precedida pela doença, pela desgraça e pelos diversos sofrimentos.** Podemos teorizar o que queiramos acerca da felicidade, mas todos sabemos que essa felicidade vai terminar. Para ser felizes completamente, teríamos que esquecer a morte, mas então a nossa felicidade basear-se-ia numa ficção que, mais tarde ou mais cedo, viria abaixo.

Parece inevitável que façamos uma abordagem realista. Ou a felicidade plena é mera ilusão e o ser humano, buscador incansável dela, terminará fracassado perante a morte, ou essa felicidade que agora conhece, sempre frágil e ameaçada, está a apontar para uma felicidade plena e definitiva, para além da morte. Esta alternativa não se resolve mediante a ciência ou a reflexão filosófica. Aqui só conta a fé num Deus Salvador ou a negação de toda a experiência de salvação.

Que nos diz a fé cristã?

A fé cristã não é uma das tantas visões do mundo ou interpretações da história, pessoal ou coletiva. Para um cristão, a fé é um encontro com Jesus de Nazaré, condenado à morte na cruz pelos homens, mas que Deus ressuscitou dos mortos, invertendo a sentença da condenação. O encontro com Jesus, que os primeiros discípulos reconheceram e proclamaram Messias e Senhor (cf. Lc. 30-34 e Jo. 20, 25), faz nascer e alimenta a fé n'Ele. O testemunho de todos os outros que creem em Jesus, sustentam-nos no esforço de aceitar o risco de uma decisão que atravessa toda a nossa vida. Na pessoa e na vida de Jesus Cristo, o Deus

«distante», «insensível» e «invisível» faz-se próximo de cada pessoa humana, num inesperado e gratuito acontecimento de amor. **Contemplando o rosto de Jesus e escutando as Suas palavras, descobrimos quem somos** (cf. GS 22) e **perspetivamos qual é a fonte última da nossa existência e para que meta tende o nosso caminho de vida.**

Com isto, apontemos duas afirmações básicas consequentes. Em primeiro lugar, Deus quer a felicidade do ser humano aqui e agora, sem esperar pelo «mais além». Ele criou-nos por amor «pensando» só na nossa felicidade. Nunca faltarão a ambiguidade, a dor, as experiências negativas, mas não são estas as que determinam tudo. Deus acompanha-nos e quer a nossa felicidade. Por outra parte, esta felicidade frágil e ameaçada está chamada a culminar em Deus. Só em Deus conheceremos a felicidade plena e definitiva que o nosso coração anseia. **“Somos salvos na Esperança”** (Rom. 8, 24)

A partir destas afirmações básicas, não é difícil descrever a postura cristã. Por uma parte, **o cristão procura desde já a felicidade.** Procura-a no seguimento de Jesus Cristo, pois crê que é a maneira mais sã e realista de encontrá-la para si e para todos. Procura-a inclusive quando assume a cruz. As bem-aventuranças convidam a procurar a felicidade na direção seguida por Cristo: com «alma de pobre», numa atitude não violenta, com fome e sede de justiça, com o coração cheio de ternura misericordiosa, com retidão interior, procurando o bem de todos. Mas **desde já estamos chamados a procurar a felicidade lutando contra o mal que nos faz infelizes. Não importa só a felicidade eterna no final da existência. Interessa também a felicidade em cada momento presente.** Deus quer-nos ver felizes já.

Por outra parte, **o cristão vive a felicidade do presente aberto à felicidade plena e absoluta.** A «pequena felicidade» desta vida é antecipação, símbolo real, preparação da salvação definitiva que só conheceremos plenamente em Deus. Nesta vida há momentos de felicidade verdadeira, de alegria límpida, de amor transparente que nos permitem intuir, ainda que seja de maneira muito imperfeita, o destino último a que estamos chamados e para o qual somos conduzidos desde agora por Deus. Cada um sabe destas experiências que fazem parte do segredo mais precioso da sua existência: o usufruir da presença silenciosa de Deus no fundo do seu coração, a amizade gozosamente partilhada e desfrutada, a harmonia e a paz da consciência, a festa com os amigos e familiares, a solidariedade com o que trabalham por um mundo mais humano, as tarefas bem-feitas de cada dia, a contemplação da beleza.

Esta felicidade que agora conhecemos misturada com a ambiguidade, o egoísmo e o pecado, mas está chamada a purificar-se e cumprir-se de forma plena em Deus. **Todo o bem e belo que agora desfrutamos, toda a justiça pela qual lutamos, tudo alcançará em Deus a sua plenitude.** Tudo o que agora estragamos e manchamos será purificado e consumado n'Ele. A Vida é mais que esta vida. A Felicidade é mais que esta felicidade que agora conhecemos. Um dia, tudo o que aqui ficou a meio, o que não pôde ser feito, o prazer que foi desbaratado, o amor que obscurecemos com o nosso egoísmo, todo o bem, o agradável, o belo, o justo... alcançará, no mistério trinitário, a sua plenitude.

Desde esta fé é que lemos as palavras do Livro do Apocalipse: **“E ouvi uma voz potente que vinha do trono e dizia: «Esta é a morada de Deus entre os homens. Ele habitará com eles; eles serão o seu povo e o próprio Deus estará com eles e será o seu Deus. Ele enxugará todas as lágrimas dos seus olhos; e não haverá mais morte, nem luto, nem pranto, nem dor. Porque as primeiras coisas passaram.» O que estava sentado no trono afirmou: «Eu renovo todas as coisas.» E acrescentou: «Escreve, porque estas palavras são dignas de fé e verdadeiras.» E disse-me ainda: «É verdade! Eu sou o Alfa e o Ómega, o**

Princípio e o Fim. Ao que tiver sede, Eu lhe darei a beber gratuitamente, da nascente da água da vida». (Ap. 21, 3-6).

Conclusão

“Aumenta a nossa fé!” (Lc. 15, 5). A este pedido dos Apóstolos – a voz de todos aqueles que procuram Deus com humildade e vontade – Jesus responde assim: *“Se tiverdes fé como um grão de mostarda, diríeis a este monte: ‘Muda-te daqui para acolá’, e ele há-de mudar-se; e nada vos será impossível”* (Mt. 17, 20). Crer não é, antes de mais, concordar com uma demonstração clara ou com um projeto sem incógnitas: não se crê em qualquer coisa que se possa possuir e gerir para a própria segurança e prazer. Crer é confiar em Alguém, aderir a um chamamento surpreendente que convida, colocar a própria vida nas mãos de um Outro, a fim de que seja Ele o único, o verdadeiro Senhor.

Ao terminar esta reflexão e porque se situa no contexto do «Ano da Fé», é conveniente fazermos um pequeno apontamento de algumas notas derivadas da nossa fé cristã e que, embora no presente sejam demasiadamente esquecidas, são essenciais para ajudar a entender melhor a atitude da vida de fé perante a procura da felicidade.

Deus criou-nos só por amor, não para Seu proveito ou pensando no Seu próprio interesse, senão procurando a nossa salvação. A única coisa que «interessa» a Deus é o nosso bem.

Deus quer a nossa felicidade, não só para depois da morte – aquilo que chamamos vida eterna – mas desde já, desde a nossa vida no presente.

Deus só intervém na nossa vida para promover o bem, nunca para fazer-nos mal. Deus quer-nos ver felizes e cheios de vida. O que mais dá glória a Deus é uma pessoa cheia de vida.

Deus respeita sempre as leis e a condição finita da criação e respeita também a liberdade do ser humano; daí o mal, os sofrimentos, as contradições e o pecado. Deus não força nem a natureza nem a liberdade humana, mas está perto de cada pessoa humana, apoiando o seu esforço por uma vida mais humana e feliz, e orientando e atraindo a sua liberdade para o bem.

Essa presença salvadora de Deus não se produz de maneira mágica ou por meio de intervenções extraordinárias, mas por meio da vida de todos os dias, nos acontecimentos de cada dia, no encontro com as pessoas, nas experiências gozosas ou dolorosas do viver diário. Em cada momento contamos com a graça de Deus para sermos o mais felizes possível em todas as situações.

A moral não consiste em cumprir umas leis impostas arbitrariamente por Deus. Se ele quer que escutemos as exigências morais que possuímos no nosso coração pelo facto de sermos humanos, é porque o seu cumprimento é bom para nós. Deus não proíbe o que é bom para a pessoa humana, nem a obriga ao que pode ser mau. Só quer o nosso bem.

Pecar significa orientar a nossa vida para o mal e o fracasso, o próprio e do outro. O nosso pecado ofende a Deus porque prejudica a nossa felicidade tão querida e procurada por Ele.

A conversão a Deus não consiste em decidir-se por uma vida mais infeliz e fastidiosa, mas em orientar a nossa liberdade para uma existência mais humana, mais sã e, em definitivo, mais feliz: a felicidade querida por Deus e ansiada pelo nosso coração. Isto também exige sacrifícios e renúncias.

Ser cristão é aprender a «viver bem» seguindo o caminho traçado e vivido pelo mesmo Senhor Jesus Cristo. **As bem-aventuranças são o núcleo mais expressivo e «escandaloso» desse caminho: para a felicidade caminha-se com um coração simples e transparente, com fome e sede de justiça, trabalhando pela paz, vivendo com misericórdia, suportando o peso da vida com mansidão.** Este caminho desenhado nas bem-aventuranças leva a conhecer já neste mundo a felicidade vivida e experimentado pelo próprio Senhor Jesus. Por fim, testemunhar a fé não é dar respostas já prontas, mas transmitir aos outros que nos rodeiam, na caminhada da vida, a inquietação da procura e a paz do encontro. **“Fizeste-nos para Ti e o nosso coração está inquieto enquanto não repousa em Ti”** (Santo Agostinho, *Confissões* 1, 1). Aceitar ou propor o convite para a aventura da fé não é resolver todas as interrogações obscuras, acontecimentos difíceis e mistérios densos da nossa vida, mas é levá-los ao Senhor e n’Ele, em Amor, encontrar a resposta, viver a paz e ser iluminado. Também nós podemos dirigir com confiança as palavras de Santo Agostinho (*De Trinitate*, 15, 28, 51):

***Meus Senhor, minha única esperança,
faz que, cansado, eu não cesse de Te buscar,
mas procure o Teu rosto sempre com ardor.
Dá-me a força de procurar
Tu que te sabes fazer encontrar,
e me destes a esperança
de Te encontrar sempre.
Diante de Ti está a minha força e a minha debilidade: conserva aquela, cura esta.
Diante de Ti está a minha ciência
e a minha ignorância;
onde me abri, acolhe o meu entrar,
onde me fechei, abre-me quando bater.
Faz com que me lembre de Ti,
que Te escute, que Te ame. Ámen.***